&etc

Augusto Sobral

BELA CALIGULA

BELA - CALÍGULA
de AUGUSTO SOBRAL

é uma edição **& etc**
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
Rua da Emenda 30, sub. 3, 1200 Lisboa; telef. 37 19 55

© do Autor

Capa:
Estúdios **& etc**

UALISBOA01374
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Augusto Sobral

BELA CALIGULA

BELA-CALÍGULA

IMPROMPTU TEATRAL

baseado na obra e em dados biográficos de

FLORBELA ESPANCA

BELA-CALÍGULA, 8.ª produção do Grupo de Teatro MAIZUM, foi estreada em Julho de 1987 com as seguintes participações:

Encenação	— Rogério Vieira
Cenografia	— Augusto Sobral
Figurinos	— Jasmim
Música	— Rui Luís Pereira
Interpretação	— Silvina Pereira
	Manuel Cintra
Grafismo	— Guida Dias Coelho
Aderecista	— José Gil
Operador de Luz e Som	— Carlos Santos
Secretariado	— Paula Silva

Duas bancadas de camarim, uma à esquerda e outra à direita da cena. As lâmpadas das molduras dos espelhos estão acesas, mas o lugar do espelho é o vazio das molduras, onde o rosto dos actores se vai às vezes mostrar de frente para o público, como se estivessem a encarar a sua própria imagem.

A actriz entra em cena e dirige-se à mesa da direita, senta-se e finje olhar a sua própria imagem no espelho, olhando em frente para os espectadores.

Levanta-se, pega numa pasta com papéis e passeia de um lado para o outro, a rememorar o texto.

ACTRIZ

«Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição...

(Suspende-se, as palavras não lhe ocorrem logo.)

«Os olhos... a boca... a fronte... as pálpebras... a cara.

(Suspende-se de novo, sente que o texto não é aquele. Torna a ler na pasta com papéis.)

«Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição:

(Continua numa leitura mais atenta marcando pela maneira como lê os pontos onde se enganou.)

> «Os olhos, a boca... *(prolongando)* o **modelado** da fronte, *(acentuando)* **a curva das pálpebras, a linha da face.** *(repetindo)*... **A linha da face.»**

(Suspende-se e começa a ver peça por peça o guarda-roupa pendurado num varão ao lado da mesa. No varão estão pendurados os vários tipos de traje conhecidos da documentação fotográfica sobre Florbela Espanca; desde o chapéu de feltro, a blusa e a saia da adolescência até aos vestidos de cintura descida e saia curta e às capelines dos anos 20 a 30. Senta-se de novo ao espelho e começa a observar a cara para se caracterizar.)

ACTRIZ

(Ao espelho repetindo o texto.)

> «Ponho-me às vezes a olhar para o espelho e a examinar-me feição por feição: os olhos, a boca, o modelado da fronte, a curva das pálpebras, a linha da face... E esta amálgama grosseira e feia, grotesca e miserável, saberia fazer versos? Ah! Não! Existe outra coisa... Mas o quê? Afinal, para quê pensar? **Viver é não saber que se vive.** *(prolongado)*».

(A figura de Gaius Julius César Germanicus, Calígula *surge ao fundo à esquerda, aproximando-se com um movimento silencioso da outra bancada de caracterização, enquanto a actriz continua, simultaneamente, o seu monólogo até ao final, completamente alheia à presença da outra pessoa.)*

ACTRIZ

(Ritmo mais vivo.)

«Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se algum sentido tem, é tarefa de poetas e neurasténicos. Só uma visão de conjunto pode aproximar-se da verdade. Examinar em detalhe é criar novos detalhes. Por debaixo da cor está o desenho firme e só se encontra o que se não procura. Porque não me esqueço eu de viver... para viver?»

(Calígula está agora junto da bancada e para se acercar do espelho e ver a sua própria cara, desloca a cadeira para o lado. O ruído do arrastar da cadeira desperta a atenção da actriz, que desviando a cara do espelho fala para alguém que estivesse noutro camarim ao lado, apenas separado do dela por uma parede fina.)

ACTRIZ

Já chegaste?

(Calígula não responde. Recorta a sua figura na moldura do espelho como se olhasse também para si próprio. A actriz continua a falar com a pessoa que está no camarim ao lado, ao mesmo tempo que vai estudando a caracterização.)

ACTRIZ

Sabes que estou a sentir uma dificuldade enorme com este primeiro texto? A descrição da cara da Florbela, feição por feição, como ela diz, até aí tudo bem. Engano-me, troco palavras, mas

tudo bem. Se calhar engano-me por reacção ao resto que vem a seguir, muito reflexivo, muito carregado de dúvidas.
Um texto do diário da Florbela escrito já tão próximo da morte, para começar o espectáculo, acho mal escolhido.

CALÍGULA

«A minha alma é o túmulo profundo
onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!»

ACTRIZ

Não tens opinião, não é?
Já se sabe que nestas situações é inútil contar com os colegas. E já agora, se queres saber com toda a sinceridade aquilo que eu penso, acho que a culpa de tudo isto é do Calígula... ou de quem o foi buscar.
Escolhiam-se os poemas mais significativos de cada facto e da maneira de sentir da Florbela, e tu, em vez de seres o Calígula, eras um narrador... las relacionando os poemas com a própria biografia. E o Calígula bem podia ir dar uma volta.

(Calígula, num movimento para se afastar da bancada, volta de novo a deslocar a cadeira, arrastando-a.)

ACTRIZ

Lá porque não queres responder... escusas de estar sempre a arrastar essa maldita cadeira. Enerva-me!

(Calígula avança na cena, vindo colocar-se num plano mais avançado que o das bancadas de camarim, sendo notório que

evita tocar em objectos que possam provocar ruídos. Está de frente para o público, ao qual se dirige. A actriz prossegue o seu jogo ao espelho, como se não ouvisse nada do que ele diz.)

CALÍGULA

Eu sou Gaius Julius César Germanicus, mais conhecido por Calígula, como vocês diriam hoje em linguagem corrente... Mas eu, sou o próprio CALÍGULA.
Ah! É verdade, para evitar futuras confusões, aquele arrastar de cadeira que tanto enervou a actriz, foi puramente casual, como tiveram ocasião de ver...
Serei um fantasma, mas não passo de um fantasma de teatro, que é o mesmo que dizer, uma obcessão do autor... Outra coisa que carece de explicação é o facto de eu estar aqui a falar convosco sem ela ouvir nada do que eu estou a dizer. Isto deve-se apenas a uma coisa, a convenção teatral, que permite entre outros efeitos que certas personagens oiçam apenas aquilo que lhes compete ouvir para o prosseguimento do diálogo e da acção, embora o público esteja, naturalmente, obrigado a ouvir tudo...
A imposição deste jogo, quase fundamental para o teatro, irrita imenso os teóricos de estética de uma maneira geral, e particularmente as pessoas cultas, de cujos hábitos de cultura não faz parte frequentar o teatro com uma certa assiduidade...

(Baixando o tom como se segredasse.)

Foi isto, segundo creio, que o autor me pediu para vos dizer.
Quanto às razões por que ele me meteu nisto, a mim, Calígula, morto há 1946 anos... desconheço-as.
Ela, é claro, não é a Florbela Espanca. É uma actriz que está a pintar-se e a vestir-se para representar o papel de Florbela Espanca, da melhor maneira que souber e puder, claro.

(Aparte.)

Podem estar descansados que não está a ouvir nada do que eu estou a dizer!

ACTRIZ

Tu achas que vais ser capaz de representar o papel de Calígula na convenção naturalista que o tipo quer?

CALÍGULA

(Surpreso, baixando o tom.)

O tipo aqui, ou é o encenador, ou o autor, ou ambos.
O que ela não sabe é que sendo eu embora o próprio Calígula, vou representar o papel do actor que representa Calígula, EU.
Ah! É verdade! Quando eu passar junto da bancada, a convenção teatral vai mudar. Ela vai passar a ouvir tudo o que eu digo e a ver-me como o tal actor que representa Calígula.

(Desloca-se até ao fundo. No fundo vira-se para a direita e desce até junto da bancada da actriz como se entrasse no camarim dela.)

ACTRIZ

Quem escreve num diário — «Viver é não saber que se vive» — **ama a vida, espera alguma coisa da vida.**

CALÍGULA

(Que terminou o movimento até junto da actriz.)

«Viver é não saber que se vive»

ACTRIZ

Até que enfim, falaste...

CALÍGULA

«Viver é não saber que se vive»

(Silêncio.)

(A actriz experimenta ao espelho o chapéu dos retratos de adolescência.)

CALÍGULA

«Ela canta pobre ceifeira»
.....
«Ah! Poder ser tu sendo eu,
Ter a tua alegre inconsciência
E a consciência disso...»

ACTRIZ

O quê?

CALÍGULA

«Poder ser tu sendo eu,
Ter a tua alegre inconsciência
E a consciência disso...»

ACTRIZ

Isso é do Fernando Pessoa, não é da Florbela. E não faz parte do texto.